



O Rigor (ou a Falta Dele) das Revistas Científicas

The Rigor (or Lack) of Scientific Journals

Belmiro Parada

As revistas científicas médicas desempenham um papel importante na transmissão do conhecimento, não podendo a sua função ser substituída por congressos, cursos online, *webcasts* ou outros instrumentos actualmente disponíveis.

Permitem difundir de uma forma relativamente rápida novas descobertas, evoluções de técnicas já conhecidas ou simplesmente dar a conhecer os resultados de um determinado centro.

O rigor e a transparência dos resultados são, como todos concordaremos, critérios essenciais. Com esse fim, as revistas científicas idóneas regem-se por uma liberdade editorial definida pelo International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE) descrita pela World Association of Medical Editors, promovem a revisão inter-pares e sugerem-se linhas orientadoras de publicação, como por exemplo as da EQUATOR network (<http://www.equator-network.org>). No caso da Acta Urológica Portuguesa, os textos devem ser preparados de acordo com as orientações do International Committee of Medical Journal Editors. Permitam-me que destaque a secção das “Metodologias”, que deveria permitir, sobretudo no caso de investigação básica e laboratorial, a reprodução dos estudos e aferir os resultados por equipas independentes. Isso permitiu, em diversas ocasiões, a identificação de fraudes científicas.

Os próprios ensaios clínicos, considerados artigos *premium* no mundo da publicação, embora obedeçam a um rigoroso processo de avaliação em diversas fases da sua execução, pelas equipas de investigação e por auditores externos, são publicados frequentemente com resultados parciais, focando-se naqueles que se coadunam com a estratégia dos promotores. Não deixa de causar estranheza, aliás, que raros sejam os ensaios clínicos publicados com resultados negativos ou que não atinjam os objectivos propostos, perdendo-se, desta forma, importantes dados para a prática clínica.

Confunde-me sempre o rigor que é colocado na introdução de um novo medicamento no mercado, por comprovada eficácia e segurança, com a facilidade com que determinada técnica ou procedimento é publicitado como sendo a “sétima maravilha”. Resultam frequentemente de estudos de um só centro ou de reduzido número de centros, são fornecidos dados dos doentes mas não há acesso directo aos doentes por equipas

independentes que possam aferir da veracidade dos factos. Assim se chega, com frequência, a sucessos próximos dos 100% e complicações quase ausentes, valores inverosímeis para quem trabalha na área.

Isto demonstra que as revistas científicas têm ainda diversas fragilidades na garantia da fiabilidade dos dados publicados.

Não são estas, infelizmente, as grandes preocupações da Acta Urológica Portuguesa. Debate-mo-nos com diversos problemas mas, o mais agudo, que coloca em causa a própria revista, é a existência de revisores em quantidade e qualidade que respondam às solicitações em tempo útil. Há um reduzido número de revisores que sabemos que cumprem mas que não conseguem dar resposta a todas as solicitações. Quando tentamos variar, a regra geral é não obter resposta. Isso levou a que, excepcionalmente, neste número, para não atrasar ainda mais a sua publicação, a revisão de alguns artigos fosse assumida pela equipa editorial. A Urologia Portuguesa deve reflectir sobre o que quer para a sua revista. ●